

Carta do Prelado (Abril 2009)

Se precisávamos de uma demonstração do amor de Deus, a morte do seu Filho por nós é o sinal mais claro. Assim o recorda o Prelado do Opus Dei, que na sua carta mensal convida a aproximar-se de Deus e a viver com Ele a sua Ressurreição.

04/04/2009

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

No próximo domingo, com a comemoração da entrada triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém, começa a Semana Santa, que culminará no Tríduo pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor. O Sacrifício do nosso Redentor, que se torna presente cada vez que se celebra a Santa Missa, manifesta-se-nos com esplendor nas solenes celebrações litúrgicas de Quinta e Sexta-feira santas e na Vigília pascal. Preparemo-nos desde já com maior intensidade para esses momentos. Vamos ao encontro da graça que com tanta abundância se nos oferece. Temos de acompanhar o Senhor muito de perto.

Encontrando-nos no pórtico da Semana Santa, recordemos que, como S. Josemaria escreve, ***tudo o que as diversas manifestações de piedade nos trazem à memória nestes dias se encaminha decerto para a Ressurreição, que é o***

fundamento da nossa fé, como escreve S. Paulo (cfr. 1 Cor 15, 14), mas não percorramos este caminho demasiado depressa. Não deixemos cair no esquecimento uma coisa muito simples, que por vezes parece escapar-se-nos: não poderemos participar da Ressurreição do Senhor se não nos unirmos à Sua Paixão e à Sua Morte (cfr. Rm 8, 17). Para acompanhar Cristo na Sua Glória, no final da Semana Santa, é necessário que penetremos antes no Seu holocausto, e que nos sintamos uma só coisa com Ele, morto no Calvário [1]. Com que exigência, com que fervor te preparaste nestas cinco semanas da Quaresma? Ainda nos restam alguns dias para melhorar, para reparar se for preciso!

Os ensinamentos de S. Paulo são muito claros. Convido-vos a meditá-los e a pô-los em prática com esforço

renovado. Neste ano dedicado ao Apóstolo das gentes, peçamos a sua intercessão para que, seguindo o seu exemplo, todos nós, os cristãos, nos convençamos bem de que, para nos identificarmos com Cristo, como é o nosso maior desejo, não há outro caminho senão o de O acompanharmos pela senda do Calvário. Dizemo-lo todos os dias ao rezar a oração final do Angelus: *per passionem eius et crucem, ad resurrectionis gloriam perducamur.* Que, imitando-O na generosa entrega que a Semana Santa nos põe diante dos olhos, sejamos também participantes da glória da Sua Ressurreição.

Bento XVI, numa das alocuções do ano paulino, explicava que Saulo, **enquanto que, no início fora um perseguidor e recorrera à violência contra os cristãos, a partir do momento da sua conversão no caminho de Damasco**

passou-se para o lado de Cristo crucificado, fazendo d'Ele a sua razão de vida e o motivo da sua pregação. A sua existência foi inteiramente consumida pelas almas (cfr. 2 Cor 12, 15), nada tranquila nem protegida contra ameaças e dificuldades. No encontro com Jesus, tornou-se-lhe claro o significado central da Cruz: compreendera que Jesus *tinha morrido e ressuscitado por todos* e por ele mesmo. Ambas as realidades eram importantes: a universalidade – Jesus morreu realmente por todos – e a subjectividade: Ele morreu também por mim. Portanto, na Cruz manifestou-se o amor gratuito e misericordioso de Deus [2].

Agora que estamos quase a entrar na Semana Santa, detenhamo-nos nestas palavras, porque elas indicam a razão última do Sacrifício de Cristo.

Foi o amor que levou Jesus ao Calvário. E, já na Cruz – explica o nosso Padre – todos os Seus gestos e todas as Suas palavras são de amor, de amor sereno e forte [3].

Aprofundemos no facto de a segunda Pessoa da Trindade se ter feito homem sem deixar de ser Deus, para assumir livremente o peso de todos os pecados cometidos e dos que se irão cometer ao longo dos séculos, oferecendo ao Criador, por nós, uma reparação de valor infinito. Porque *tanto amou Deus o mundo que lhe entregou o Seu Filho unigénito, para que todo o que acredita n'Ele não morra, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo se salve por Ele[4].*

Quantas graças temos que dar a Nosso Senhor pelo amor imenso que nos manifestou e nos continua a manifestar! Que gratidão havemos também de mostrar à Virgem Maria,

Sua Mãe, que cooperou com o seu *fiat* no desígnio redentor! Mas não esqueçamos que *amor com amor se paga*. O nosso afecto, mesmo que seja grande, é nada comparado com o amor infinito de Deus. Isso é verdade, mas o Senhor contenta-se com esse *pouco* se Lho oferecemos *totalmente*. O resto é Ele que o põe, *porque o Amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado* [5].

Decidamo-nos pois, nesta Semana Santa, a deixar com inteira generosidade – uma vez mais – o nosso ser e a nossa vida nas mãos de Deus. Descobriremos assim com mais profundidade o sentido da renovação das promessas do Baptismo que fazemos na Vigília Pascal. A maior parte de nós unimo-nos a Cristo e à Igreja quando ainda éramos muito pequenos, porque os nossos pais procuraram em nosso nome as águas regeneradoras do Baptismo. Agora

apresenta-se-nos a oportunidade litúrgica de ratificar esses compromissos adquiridos. Façamo-lo com gratidão e alegria, conscientes do imenso presente que Deus nos ofereceu, e com o desejo de colaborar com Cristo para levar a salvação a todas as criaturas. Ao vermos o mundo nos mapas, ao ler ou ouvir as notícias nos meios de comunicação, desejamos que Ele chegue às almas?

S. Paulo renunciou à própria vida entregando-se totalmente a si mesmo pelo ministério da reconciliação, da Cruz, que é salvação para todos nós. E também nós devemos saber fazer isto. Podemos encontrar a nossa força precisamente na humildade do amor, e a nossa sabedoria na debilidade de renunciar [a nós mesmos], para entrar assim na força de Deus. Todos nós devemos formar a nossa vida sobre esta verdadeira sabedoria: não viver

para nós mesmos, mas viver na fé naquele Deus de Quem todos nós podemos dizer: “Amou-me e entregou-se a Si mesmo por mim” [6].

Difundamos esta certeza entre todas as pessoas com quem nos encontrarmos, mesmo que, humanamente falando, as circunstâncias se apresentem difíceis, também as que agora surgem da crise económica que afecta os países de um modo ou de outro, nos diferentes estratos da sociedade. Usando os recursos humanos nobres que estejam ao vosso alcance para superar as dificuldades e para ajudar outras pessoas, descobri a Providência de Deus em tudo o que vos acontece.

Perguntemo-nos: como é a minha reacção perante o que não gosto ou perante uma contrariedade? Luto para rectificar e elevar cada questão

ao plano sobrenatural? Depois de um momento de vacilação – muito compreensível porque somos humanos – respondamos logo e com determinação: ***Tu o queres, Senhor?... Eu também o quero!*** [7].

Não devemos contudo perder de vista que, depois da Cruz veio a Ressurreição e a gloriosa Ascensão ao Céu. O Senhor chama-nos a acompanhá-Lo no Seu triunfo, ao qual se chega sempre pela abnegação. A morte de Cristo no Calvário não foi a última palavra. A última palavra manifesta-se-nos com a Sua glorificação em corpo e alma para a glória do Pai [8]. Isto ensinava S. Paulo aos fiéis de Corinto quando lhes escrevia: *se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação e é vã também a vossa fé (...), ainda estais nos vossos pecados* [9]. Com esta grande certeza, que nós, os cristãos, havemos de ter sempre presente, Santo Agostinho escrevia: «Não é

coisa grande acreditar que Cristo morreu. Nisso também acreditam os pagãos, os judeus e todos os perversos. Todos acreditam que Cristo morreu. A fé dos cristãos consiste na Ressurreição de Cristo. O que consideramos grandioso é acreditar que Cristo ressuscitou» [10].

A morte do Senhor – explica Bento XVI – **demonstra o amor imenso com que nos amou até ao sacrifício por nós. Mas só a Sua ressurreição é “prova certa”, é certeza de que quanto Ele afirma é verdade, que vale também para nós, para todos os tempos (...).** É importante reafirmar esta verdade fundamental da nossa fé, cuja verdade histórica é amplamente documentada, mesmo se hoje, como no passado, não falta quem, de modos diversos, a põe em dúvida ou até a nega. O enfraquecimento da fé na

ressurreição de Jesus torna débil, consequentemente, o testemunho dos crentes [11].

Os sofrimentos humanos e a própria morte, se não se separam da fé no Filho de Deus, adquirem o seu verdadeiro sentido. Gosto de vos recordar aquela exortação do nosso Padre: ***tende esta fé sobrenatural, sabei que moveremos montanhas, que ressuscitaremos os mortos, que daremos voz a muitos que não sabem falar..., e eficácia de obras ao corpo paralisado! Saber isto e acreditar nisto, estar seguros do Senhor em cada momento concreto não é fanatismo, é acreditar em Cristo ressuscitado, sem cuja Ressurreição inanis est et fides vestra (1 Cor 15, 14), é vã a nossa fé [12].*** Porque “a teologia da Cruz não é uma teoria, é a realidade da vida cristã (...). O cristianismo não é o caminho do conforto, é antes uma escalada

exigente, mas iluminada pela luz de Cristo e pela grande esperança que nasce d'Ele (...). Só experimentando assim o sofrimento, conhecemos a vida na sua profundidade, na sua beleza, na grande esperança suscitada por Cristo crucificado e ressuscitado” [13].

Por isso o crente, associado voluntariamente a Jesus Cristo no Seu mistério pascal, participa na missão de Cristo e colabora com Ele para levar ao seu cumprimento – também no mundo material – a vitória completa do Senhor sobre o demónio, o pecado e a morte. *Esta foi a grande revolução cristã: converter a dor em sofrimento fecundo, de um mal, tirar um bem. Despojámos o diabo dessa arma ... e, com ela, conquistamos a eternidade* [14].

Projectando-se sobre cada um dos nossos dias, a luz desta doutrina ajuda-nos a viver intensamente a Páscoa, em íntima união com o Senhor. Unamos à nossa resposta diária o conselho que S. Josemaria dava, numa altura em que lhe perguntaram como tratar melhor Jesus na Semana Santa: *lê a Paixão do Senhor, e medita-a, sendo tu mais um personagem. Pensa – e podes fazê-lo perfeitamente porque a isso nos convida S. Paulo – que aquilo está a acontecer agora, não há dois mil anos: Jesus Christus heri et hodie, ipse et in saecula (Heb 13, 8). O Senhor é o mesmo ontem, hoje e sempre. Podes meter-te entre os discípulos, entre os amigos do Senhor, e até entre os inimigos, a ver o que se passa. Reage com a cabeça e com o coração, como terias reagido ao ver como O tratavam. Assim estarás a viver muito bem a Semana Santa [15].*

Permito-me acrescentar: propõe-te não O deixar só. Para o conseguires recorre a Maria.

No final de Março, fiz uma viagem a Bilbau, convidado pelo Bispo da Diocese, para dar uma conferência num Congresso sobre os católicos e a vida pública. Aproveitei para ir também a Pamplona e a Saragoça. Nesta cidade, rezei diante de Nossa Senhora do Pilar, invocação tão ligada aos primeiros tempos da evangelização em Espanha. Recor-dando os longos tempos de oração de S. Josemaria na Basílica de Saragoça, supliquei, com todos vós, à nossa Mãe, pelo Papa e pelas suas intenções, pela Igreja universal e por esta *partezinha* da Igreja, a Obra.

Continuemos a invocar o Senhor, bem unidos na oração. As próximas semanas oferecem-nos muitas oportunidades. O dia 16 traz-nos o aniversário do nascimento do Papa, e

o dia 19 o quarto aniversário da sua eleição para a Sé de Pedro: duas datas muito oportunas para nos unirmos mais à sua Pessoa e às suas intenções. Pouco depois, a 20 de Abril, completam-se quinze anos da minha nomeação como Prelado do Opus Dei: rezai por mim, porque preciso. A 23, é um novo aniversário da Confirmação e da Primeira Comunhão do nosso Padre. E no fim do mês, a 29, celebra-se a festa litúrgica de Santa Catarina de Sena, grande apaixonada da Igreja e defensora do Romano Pontífice, intercessora da Obra no apostolado da opinião pública. Desde já me alegro muito ao pensar nas orações que subirão da Terra ao Céu, por ocasião destas efemérides.

Com todo o afecto, abençoa-vos
o vosso Padre
+ Javier

Roma, 1 de Abril de 2009

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 95.

[2] Bento XVI, Discurso na audiência geral, 29-X-2008.

[3] S. Josemaria, *Via Sacra*, XI Estação.

[4] *Jo 3, 16-17.*

[5] *Rm 5, 5.*

[6] Bento XVI, Discurso na audiência geral, 29-X-2008.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 762.

[8] Cfr. *Fl 2, 5-11.*

[9] *1 Cor 15, 14-17.*

[10] S. Agostinho, *Narrações sobre os Salmos*, 120, 6 (CCL 40, 1791).

[11] Bento XVI, Discurso na audiência geral, 26-III-2008.

[12] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 30-III-1964.

[13] Bento XVI, Discurso na audiência geral, 5-XI-2008.

[14] S. Josemaria, *Sulco*, n. 887.

[15] S. Josemaria, Notas de uma tertúlia, 16-IV-1973.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-prelado-abril-2009/> (29/01/2026)